

LITERATURA E BD

Rui Zink

Literatura – o que é? Podemos dizer que é o conjunto dos textos literários. Mas isto é pouco, embora seja sensato ficar por aqui. Literatura é o conjunto dos textos literários que houve, que há e por haver. A riqueza da literatura, a riqueza da noção de literatura reside antes de mais nesse estado de permanente possibilidade, de permanente inquietação, no facto de não se reduzir a um património convenientemente arquivado. Aliás, o próprio património está em permanente mutação, textos saindo e entrando ao sabor dos tempos e dos gostos, ora expulsos porque caídos em desgraça, ora sendo recuperados, reabilitados.

A literatura consiste em textos em que a palavra é o cerne mesmo do trabalho, em que a matéria prima para a construção de um objecto estético é a própria língua que o artista partilha com os seus primeiros interlocutores.

Por banda desenhada, ou BD, podemos entender o conjunto dos textos narrativos que interligam, de modo dinâmico, palavras e imagens desenhadas. Os textos de banda desenhada também são conhecidos como "histórias aos quadrinhos" por o quadrado ser, tradicionalmente, a unidade sintáctica mínima em que se decompõe uma página.

Há, desde logo, uma diferença nítida entre banda desenhada e literatura, e é precisamente no modo de representar, no modo de suscitar a formação de imagens no espírito do leitor. A BD representa com ícones. A relação entre uma árvore desenhada é mais estreita,

O Conceito de Representação

pelo menos aparentemente, com o referente árvore do que a palavra "árvore". O desenho surge como uma representação que fala uma suposta linguagem universal, um esperanto bem sucedido, ao contrário da língua.

Temos assim que, por exemplo, num livro de Tintin só a componente verbal é traduzida – a componente icónica prescinde desse trabalho de ganho e perda que é toda a tradução. Já uma tradução de Tintin para árabe implica uma operação algo mais complexa: que se inverta a página, dado que em árabe se lê da direita para a esquerda e não da esquerda para a direita.

Estas são diferenças óbvias. A mim interessam-me as aproximações. Tanto literatura como BD se configuram em textos estéticos, isto é, que se autonomizam de um qualquer referente externo. Ambas exigem que o leitor domine uma técnica – a técnica de leitura – e tenha incorporado o gosto – o prazer – de o fazer. Ambas são criações que têm o papel por suporte, na sua quase totalidade, e ambas são, na sua expressão mais simples, *produto de uma escrita sobre a folha branca*. Mesmo hoje, na era dos computadores, ainda há quem escreva à mão. E mesmo hoje, na era dos computadores, quase toda a BD é desenhada à mão. Há uma liberdade económica bastante grande nestas duas artes, e uma independência notável em relação ao corpo humano. Um livro de BD ou um texto literário permitem uma liberdade de movimentos ao leitor, ao mesmo tempo que o mergulham num isolamento em relação ao que o rodeia.

* *
*

Se para nós é mais ou menos claro o que seja literatura, já mais confuso se torna saber o que é banda desenhada. Muitos dirão, e dizem: banda desenhada são bonecos. É mesmo a expressão mais corriqueira: "Estás a ler os bonecos". Para mim, é o contrário, *banda desenhada é palavras*. O que mais me interessa na BD é o modo como se interligam palavras e desenhos para fazer uma coisa que, como há 150 anos disse Rodolphe Topffer, não é uma coisa nem outra. Eu acho que é: duplamente a mesma coisa. E é nesse sentido que a BD me interessa, quer como autor, quer como leitor, quer como estudioso.

* *
*

E também, já me ia esquecendo, como tradutor. Permitam-me fazer uma pequena digressão e contar a história de uma tradução que fiz de um livro – de literatura ou de banda desenhada? – de Matt Groening. Talvez seja mais explícito se disser não "um livro de Matt Groening", mas um livro dos Simpsons. A minha experiência como tradutor foi simples – exige ser bem pago. O editor ainda argumentou que muitas páginas não tinham muito texto, o que implicava menos trabalho. Retorqui que antes pelo contrário, eu tinha sempre que fazer uma dupla leitura, porque não se tratava apenas de traduzir um código uniforme – o verbal – mas a articulação entre dois códigos. Ganhei eu, não porque os meus argumentos fossem mais fortes – apesar de o serem – mas porque estava na posição ideal para qualquer assalariado: não precisava da encomenda, mas o industrial precisava de mim. É certo que havia uma margem considerável de desemprego entre os tradutores, o que poderia baixar a tabela, que é vergonhosa em Portugal. Mas o editor queria um tradutor que não só estivesse familiarizado com a linguagem dos *comics* como ainda com o *modus vivendi* norte-americano. Pagou o que pedi e comprei uma mota, que ainda hoje uso e com a qual, com um bocado de sorte, não terei um acidente mortal nos próximos anos.

* *
*

Repito. Apesar de diferença entre a BD e a literatura, há pontos onde ambas se encontram: no amor à imagem e, não tão surpreendentemente como isso, no amor à palavra.

Beethoven era surdo e amava a música. Borges, se não gostava de banda desenhada, pelo menos tinha sentido de humor suficiente para, se alguém lhe perguntasse, responder que sim. Gostaria pelo menos do seu compatriota Breccia. Se Borges não o conhecia, Breccia conhecia-o bem, a ele e à sua obra. *O Eternauta*, obra prima em colaboração com o escritor, ou melhor, o co-escritor Hector Hoesterheld, pode ser lido como uma variação de Borges. Tal como o poeta que cada vez mais caminha para o silêncio, talvez seja ilusão minha, mas até em bandas desenhadas onde não há palavras vejo o trabalho estético sobre a palavra.

Porque num texto de BD, mesmo quando há colaboração, não há um desenhador e um escritor. Ambos escrevem e ambos desenham. Escrever com imagens, desenhar com palavras. Em ambas há uma representação autónoma, que se torna arte arte quando a representação

O Conceito de Representação

prescinde do representado, quando a representação se torna o representado.

* *

*

Para culminar esta pequena digressão pelos modos de representação que podemos encontrar na literatura e, dentro dela, na sua vertente BD, gostaria de dizer o que é que a BD e a literatura representam para mim. Duas coisas: Como autor, um trabalho sobre a palavra, em relação ou não com outros aspectos. Como leitor, um usufruto de um texto estético. Em qualquer dos casos, *uma forma diferente de trabalhar a palavra*

Sejam ou não a mesma coisa, incorporam-se pontualmente uma na outra e, ainda que mantendo-se territórios autónomos, há um cada vez maior número de textos que se reclamam tanto de uma como de outra. Textos "mestiços", por assim dizer, que perturbam tanto um como outro sistema, pois põem em causa a sua pureza.

Para muitos amantes da coisa literária, a imagem visual surge no texto como uma perturbação, como um ruído e, eventualmente, como uma marca de menoridade do texto, que não se consegue amparar sozinho na palavra, na palavra, na palavra. Para muitos amantes da banda desenhada, também é impróprio pretender que esta seja ou possa ser algo mais do que um divertimento infantil, do que uma nostalgia de quando ainda precisávamos de bonecos para nos ajudarem a ler. Estes amantes guardam a banda desenhada como quem guarda a própria infância e, infelizmente, fazem algum mal à coisa que amam, dizem amar, ou julgam amar. Mais grave é quando colocam a tónica da banda desenhada no desenho. O próprio termo adoptado é sinal disso.

Penso que ambas as partes estão erradas. Para a literatura, a banda desenhada pode surgir como um espaço criativo para trabalhar a palavra, e não está escrito que esta só se exerça em plenitude numa brilhante carreira a solo. Mais, a história da literatura, entidade mutante e mutável, integra não poucos casos de interacção entre palavra e desenho. Desde alguma poesia visual barroca portuguesa até à obra de Ernesto Melo e Castro, Fernando Aguiar ou mesmo dois docentes desta casa, Ana Hatherly e Alberto Pimenta.

Italo Calvino, que acreditava no constrangimento como estratégia estimulante da actividade criadora, publicou em 1973 *O Castelo dos Destinos Cruzados*, que no mesmo ano saiu em Portugal na edito-

ra Bertrand. Nesse livro Calvino reúne duas novelas subordinadas a um mesmo princípio: a interação entre imagens – as cartas do Tarot – e palavras. Após atravessar uma floresta mágica onde tinha perdido a fala, o narrador chega a um castelo. À mesa estão reunidas várias personagens: uma dama, um frade, um pagem, um cavaleiro... Despojados do poder da fala, os comensais vêm-se obrigados a recolher a um baralho de cartas para contar a sua história. O narrador terá de interpretar o que o interlocutor lhe conta, através da escolha das cartas e da ordem em que são colocadas. O problema que se coloca ao narrador de Calvino é o seguinte: a história que eu reconstituo na minha mente é a que o outro me está a contar? E é a mesma que os outros estão a "escutar"?

Não há representações que façam justiça ao representado. Num texto estético, seja literário, de banda desenhada ou outro, não assistimos a uma representação, porque uma das condições do texto estético, para o ser, é não se representar senão a si mesmo. O que chega ao leitor nunca é o que está no texto, e muito menos o que havia antes do texto (a coisa representada), mas o que o leitor retira do texto. Retirar não é bem a palavra: é mais pôr. Pessoa disse isto de forma muito mais sintética, quando despachou, quase irritado: "Sentir? Sinta quem lê!"

É esse investimento do leitor, sem o qual simplesmente não há texto, que leva Scott McCloud a considerar que a banda desenhada é, sobretudo, "uma arte do invisível". O mesmo se passa com a literatura, suponho. Ambas, BD e literatura, são artes do invisível. O mais importante não é o corpo do que está lá, mas o que se encontra entre o que está lá, e que, sem lá estar, é a única coisa que lá está que vale o investimento do leitor.